

MUSEU DA PESSOA

História

O meu Rio de Janeiro

História de: [Felipe Assumpção Gertum](#)

Autor: [Felipe Assumpção Gertum](#)

Publicado em: 07/12/2006

História completa

No dia 7 de julho de 1986, pela primeira vez, proveniente de Pelotas, cidade do interior do Rio Grande do Sul, naquela época com mais ou menos 250 mil habitantes, eu chegava ao Rio de Janeiro. Meu pai, Jorge Ivan, dirigia uma caminhonete Caravan, acompanhado de minha mãe Maria Leocádia, meu irmão caçula Fernando Otávio e nossa Bá, irmã, que nos criara desde pequenotes. Eu só conhecia a capital do nosso estado, Porto Alegre, jamais tendo saído de Pelotas e dos seus arredores. Nunca imaginara que pudesse existir uma cidade como o Rio, cheia de luzes, de largas avenidas, com o Cristo Redentor no alto do Corcovado, abençoando com os seus braços abertos aquela que eu elegeria, para sempre, a minha cidade de coração. E foi assim, desde aquela abençoada noite de 7 de julho, data em que minha terra natal Pelotas faz aniversário de fundação, mas que, anos mais tarde, passou a ocupar em meu coração carioca um segundo lugar. O Rio de Janeiro, com as suas confeitarias Colombo, na Avenida Gonçalves Dias ou na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, o Caneco 70, os bares circundando a praia, a iluminação frenética de Flamengo e Botafogo, o Pão de Açúcar, enfim, tudo tomara conta do meu ser que se entregara a uma verdadeira cidade maravilhosa, cantada em prosa e verso pelo eterno Vinicius de Moraes e tantos outros artistas famosos. Depois daquela noite, quantas vezes regressei ao Rio. Ou para passar as férias com os meus amigos, no Leblon, no apartamento da rua General Urquiza, e depois no famoso apartamento da Avenida Atlântica, onde morava minha tia Hilda e meu tio José. No final de cada temporada no Rio de Janeiro, ao deixar a cidade, no Aeroporto do Galeão, despedia-me com os olhos cheios d'água, pois somente um ano depois eu poderia voltar para desfrutar das belezas de um Rio de Janeiro que foi feito inteirinho pra mim. O tempo passou, os anos cruzaram à minha frente, o Rio se transformou em um outro Rio. Casei-me, tive duas filhas, e, hoje, lembro-me com saudades daquele tempo bom, das noites do Rio de Janeiro, dos passeios pelo Parque Lage, no Morro da Urca, nos bondinhos do Pão de Açúcar, no Corcovado. Recordo-me repleto de emoção dos jantares no Barril 1800, no Buonacera; dos chopinhos gelados no Garota de Ipanema, dos churrasquinhos da Vinicius, dos aperitivos do Zuppentorff. Eu era tão mais jovem, e a vida passa depressa, assim como uma locomotiva que nos arrasta pelos trilhos do mundo. E nós vamos sem pensar muito no que ficou para trás. Mas, lá de vez em quando, eu penso no meu Rio de Janeiro, na minha antiga paixão por uma cidade de amor eterno, na qual e com a qual sonhei para mim. Fiz para o Rio uma canção com a seguinte letra: "A 7 de julho eu te conheci e comecei a sonhar, um sonho de amor, uma dor que iria algum dia chegar. Teu nome era Rio, Rio de Janeiro e o meu. O meu estava escrito nas ondas, nas ondas do mar. Vi Copacabana, Ipanema, Leblon e me apaixonei, meu coração a palpitar. Eu sei que agora estou longe, as coisas procuram separar, mas eu sei, oh meu Rio, a ti eu irei sempre amar".